

Doutrina pentecostal e ambiente social

Funções da ideologia pentecostal

Gerd Uwe Kliever

Introdução

O ensaio aqui apresentado procura traçar algumas paralelas entre a doutrina pentecostal e a situação social dos crentes desta denominação. Como análises eruditas de Lalive d'Épinay, Willems e Camargo têm ressaltado, estes provêm na sua maioria das classes baixas e dos recém-chegados à cidade. Os elementos doutrinários aqui apresentados como sendo pentecostais, porém, não se restringem às igrejas pentecostais. Fazem parte do grande corpo doutrinário da cristandade, encontrando, atualmente, a sua configuração e acentuação específica nestas igrejas, o que não impede que estejam igualmente presentes em outras denominações cristãs. O dualismo apontado no primeiro parágrafo sem dúvida alguma encontra os seus adeptos também em certos grupos da IECLB.

1. Interpretação dualista do mundo

Os pentecostais são unânimes em afirmar a sua fé num Deus trino, infinito, onisciente, onipotente, etc., Pai, Filho e Espírito Santo. Às três pessoas atribuem funções diferentes:

“El Padre se nos presenta como Creador, Preservador y Gobernador del Universo; el Hijo, como el revelador de la Divinidad y Redentor; el Espíritu Santo como el que santifica y habita interiormente” (1).

Não há dúvida que este Deus é um Deus de amor, que quer dar felicidade, alegria e fartura (isso é: salvação) a todos os seus filhos. E sendo ele onipotente, o que impede que todos tenham a felicidade, a salvação? A resposta protestante é: Porque os homens, na sua maldade inerente, não a aceitam. Os pentecostais, porém, introduzem outro elemento para explicar este fato: A força do mal, o diabo, o demônio. Na confissão de fé acima citada também se lê:

“Creemos en la existencia de los demonios, los que provocan el mal a los hombres y luchan contra la obra de Dios” (2).

E na confissão de fé da Congregação Cristã do Brasil consta:

“Nós cremos na existência pessoal do diabo e dos seus anjos, maus espíritos...” (3)

Deus e o diabo são duas personalidades antagônicas, empenhadas em luta de vida e morte. O campo de batalha é o mundo dos homens. A causa da luta é o homem, sua perdição ou salvação. O homem, a partir de Adão, entregou-se ao poder do diabo. Desde então, este é o “Príncipe deste mundo” e procura, com todos os meios e com a ajuda de seus vassallos, manter o seu poder sobre os homens. Deus, em contrapartida, desenvolveu o seu “plano de salvação” para resgatar o homem das garras do diabo. Na morte de Jesus Cristo na cruz, a batalha decisiva já foi travada e vencida; não obstante, o diabo mantém ainda o seu poderio neste mundo. Temos então a seguinte situação: A salvação em Jesus Cristo, perfeitamente estabelecida no Reino dos céus, já está presente neste mundo, mas **ainda** persiste o poder do demônio. O homem é disputado por estes dois poderes, o salvífico de Deus e o destruidor do diabo. O homem, na sua condição natural no mundo, está perdido; para salvar-se deve colocar-se ao lado de Jesus, entregar-se a ele, para participar com ele da vitória definitiva, que porá fim a esta situação de disputa entre os dois poderes. Mas por enquanto ela perdura, e o diabo usa de todos os meios para impedir a obra de Deus. Induz os homens ao pecado, manda doenças, males, sofrimentos (que muitas vezes são vistos como consequência do pecado), fomenta insatisfação, brigas e guerra. Para o pentecostal o pecado e seus aliados, doença, miséria, sofrimento, desordem, tem sua origem logicamente no diabo, e não tanto na maldade do homem. O homem aparece como fraco, como incapaz de resistir à tentação e ao poder do diabo; mau ele se torna pela influência do maligno. Para livrar-se desta influência ele tem que se colocar ao lado de Jesus e receber dele o poder do Espírito Santo para poder resistir.

Com este sistema dualista o pentecostalismo resolve o problema da teodicéia de uma maneira peculiar, condizente com a situação em que vive o crente. Como ele poderia conceber o mundo como sendo de Deus, um mundo que lhe prepara sofrimentos, explorações, doenças e atribulação sem fim? E tendo em vista que a maioria dos pentecostais se recruta entre os migrantes provindos da vida rural, jogados no turbilhão da vida urbana, vivendo numa situação de anomia, de disfuncionalidade dos seus valores tradicionais, como poderiam desenvolver um conceito positivo deste mundo, que não compreendem? Para eles não há dúvida que este mundo é do demônio. E nesta afirmação, que na verdade é uma negação, um “não” ao mundo, eles possuem uma interpretação do mundo que lhes permite integrá-lo sem compreendê-lo. Não conseguem entendê-lo na sua complexidade antagônica, mas a interpretação

negativa libera-os da necessidade de compreensão, possibilitando, não obstante, definir a sua relação com ele. Realizam **integração por meio de negação**.

Mas o pentecostal não só nega a última realidade deste mundo, mas também afirma a de um outro, do "Reino de Deus", já presente no poder do Espírito Santo que atua na comunidade dos crentes. Nela acontece o que lhe parece ser um reflexo da vida real. Ela é uma prefiguração do "lugar de gozo e perfeição, que será repouso para o cansado; para os tristes o lugar onde Deus enxugará todas as lágrimas, o lugar de bem-aventurança para os fiéis, onde haverá alegria e felicidade eterna" (4). A comunidade é o lugar onde são "treinados os que vão para o céu". Nela se evita tudo que é característico do mundo: vícios, brigas, guerras, discussões. Regulamentos pentecostais proíbem discussões dentro da igreja e sobre a Palavra de Deus. Isto é do mundo, e este tem que ficar fora. Tem que ser feito "um corte radical para separar o puro do impuro, as coisas de Deus das coisas deste mundo", como escreveu Willis C. Hoover, fundador do pentecostalismo chileno. A comunidade se transforma na sociedade substitutiva e compensatória que o pentecostal opõe à sociedade do mundo.

Parece-me evidente que esta visão do mundo é, para certas camadas da nossa população, muito mais funcional do que outras que estão sendo oferecidas. Não é de uma lógica convincente entender doenças, sofrimentos, maldades como originados pelo diabo? Sabe-se então quem é o inimigo, e pode-se atacá-lo.

2. A escatologia – quadro interpretativo da história

O dualismo de "mundo" e "Reino de Deus" não tem duração eterna; será abolido na volta de Cristo, quando o príncipe deste mundo, e todo o mal com ele, será definitivamente destruído:

"Nós cremos na aparição de Jesus Cristo, o qual virá dos céus a fim de estabelecer o reino milenar, conforme a promessa bíblica."

"Nós cremos que depois da vitória final sobre o Diabo e seus anjos haverá um novo céu e nova terra onde habita a justiça" (5).

O plano de Deus, que levará a este desfecho feliz, já está em andamento. Em mil imagens os pentecostais descrevem a sua esperança escatológica, que sempre aparece como a realização de todas as esperanças que lhes foram negadas aqui na terra, como "o tempo da felicidade inimaginável: não haverá mais maldade na terra, universalmente são respeitados os princípios do Evangelho e a vontade de Deus é feita na terra como no céu." As relações e situações sociais, tão

frustrantes aqui na terra, se inverterão; no milênio os fiéis reinarão com Cristo, não haverá mais patrões e empregados nem trabalho alienado, os pobres tornar-se-ão ricos. E a volta de Cristo está próxima. Disto as convulsões, os esforços desesperados do diabo dão sinal. Por isso há tanta inquietude, tanta injustiça, tanta perseguição e exploração. Mas depois da grande tribulação "vem doce calma, doce luz".

Para o pentecostal, portanto, os acontecimentos atuais tem o significado de "sinais dos tempos", de indicadores do desfecho deste século. E como tais são explicáveis todos os aspectos do mundo moderno: os progressos da ciência (aumento do poderio do diabo), os vôos interplanetários, os conflitos de classe e a exploração, a bomba atômica, as guerras e até a ONU (como início do governo mundial a ser erigido pelo príncipe deste mundo). O transcurso do plano de Deus não precisa da participação humana. O homem só pode integrar-se neste plano ou opor-se e pagar com a perdição. Os que procuram a transformação do mundo pela força própria sempre são suspeitos de agirem contra o plano de Deus. Para avaliar a importância deste sistema escatológico para o crente pentecostal, é necessário, outra vez, partir de sua situação social. Ele veio do mundo rural, fechado, de dimensões restritas e relações simples e pessoais, e entrou num mundo urbano, secularizado, é subjugado aos meios de comunicação de massa, às relações complexas, impessoais da cidade, ele vê horizontes que, dentro de suas estruturas de pensamento tradicionais, só podem incutir-lhe horror. Mas entendendo os acontecimentos como parte do plano de Deus, como tendo a sua realidade última na vontade de Deus, não só consegue incorporá-los nas suas estruturas de pensamento, mas também tirar-lhes o seu efeito aterrador. Restabelece a segurança e confiança que estes mesmos acontecimentos lhe roubaram. Mas nega-lhes o seu significado real. Erige uma visão política do mundo que o libera de assumir posição política. Explica a luta de classes, sem posicionar-se nela. O mundo que ele negou, por ser do diabo, é aceito outra vez por ele, porque em última análise este mundo do diabo faz parte do plano de Deus. O pentecostal, por conseguinte, não combate o diabo, mas se salva dele.

Evidentemente esta escatologia passiva é uma das respostas à experiência da impotência que os marginalizados sofrem frente às forças e estruturas incontroláveis do nosso tempo. Estas estruturas forçam-nos a projetar as suas esperanças para um mundo transcendental. E só assim conseguem conservar a imagem de um mundo melhor e não sucumbir no desespero. Naturalmente esta escatologia tem conseqüências para a relação ética com o mundo: a responsabilidade humana é minimizada. Os acontecimentos neste mundo se reduzem a uma luta entre Deus e o diabo, uma luta afinal já decidida. A história já terminou.

Ao homem só resta a decisão entre a perdição e a salvação. Ele não participa na luta. Como chegar então a um conceito positivo da atuação do homem na história? Não parece possível. Reflete-se nisto, mais uma vez, a situação social dos pentecostais? E seria então, do ponto de vista sociológico, esta a função fundamental desta interpretação do mundo?

3. Conversão – passagem para a salvação

Onde perdição e salvação tem as suas áreas definidas, a passagem de uma para outra torna-se significativa. A mensagem da salvação dirige-se ao indivíduo pecador, exortando-o a fazer o passo do mundo perdido para a área da salvação. Este passo é realizado na conversão. Conversão é mais do que um acontecimento espiritual, mais do que salvação da alma. É libertação de tudo que é do demônio, de vícios, doenças, atribulações. É o começo de uma vida nova, não tanto espiritual, mas prática:

“Antes da conversão eu gostava de fumar, lia revistas... Depois da conversão deixei de fumar, beber, jogar e freqüentar ambientes que traziam complicações à família; e o melhor é que agora resisto às tentações... dos convites dos amigos para freqüentar os ambientes de jogo, bebida e perdição” (6).

Conversão, portanto, é um corte decisivo na biografia do indivíduo; ele tem uma clara noção de “antes” e “depois”, que se reflete também nas suas atitudes. Não só transforma a sua visão do mundo, mas muda também de amigos, de relações. Integra-se num novo ambiente social, o da comunidade. P.L. Berger diria que ele troca a sua “máquina de conversação” ou a sua “estrutura de plausibilidade” (7).

Compreendemos melhor o significado da conversão, analisando-a contra o fundo da situação social em que vive o marginalizado. Ele é um desenraizado, uma pessoa sem relações firmes no tempo e no espaço. Vive em anomia. Sua situação muitas vezes é caracterizada por alcoolismo, problemas sociais e familiares, desordem psíquica e emotiva. São estes fenômenos que em geral motivam o desprezo que as classes mais abastadas manifestam frente aos marginalizados. Com a conversão o crente se limpa dessas atitudes consideradas negativas, assume um sistema de valores coerente, afirma-se perante o mundo e torna-se respeitável perante a sociedade estabelecida. À ruptura que consiste na sua vinda do campo para a cidade – uma ruptura com sérias implicações psicossociais – ele acrescenta outra, simbólica, que o integra, adapta ao mundo urbano, torna-o mais capaz de persistir nele, mais aceitável, mais útil também para este mundo. Surge então o fato paradoxo: A conversão que ele entende como passo de saída deste mundo perdido, na verdade é o primeiro passo de reconciliação com ele, de adaptação às suas estruturas e exigências.

4. O Espírito Santo – poder do alto

Na conversão e pentecostal aceita a morte de Cristo Deus para a sua redenção. “Cristo morreu pessoalmente por ti!” – esta é a mensagem que gente de sua categoria lhe anunciou. Ele, que não é ninguém, e que é considerado ninguém, é abordado pessoalmente. Pede-se a sua decisão para Cristo, a ele que nunca aprendeu a decidir. Deve ser realmente uma experiência excitante para ele, que o valoriza como pessoa. Esta valorização continua quando ele recebe o dom do Espírito Santo, um dom que é para todos:

“Nós cremos que o batismo do Espírito Santo é uma experiência distinta que acompanha a salvação, para aqueles que creem; todos os crentes tem o direito de o receber, todos devem buscá-lo fervorosamente, pois a Promessa do Pai é para todos. Esta experiência era uma realidade diária na igreja primitiva. Com ela vem o revestimento do poder do alto, poder para a vida e serviço diário; o batismo do Espírito Santo traz outros dons que, repartidos nas igrejas, formam o ministério completo que faz progredir a mesma igreja” (8).

Pelo batismo do Espírito Santo o crente se transforma em colaborador do plano de Deus. O além torna-se para ele uma experiência pessoal concreta. O Espírito Santo é o poder executivo de Deus; através dele Deus interfere diretamente na vida dos homens e da comunidade. Ele é o “consolador”, o “líder”, o “manto da justiça”, o “poder santificador”. E este poder passa para cada crente. Ele fala para todos e através de todos. Valoriza cada membro. A pessoa mais simples, com sua ajuda, pode proferir as verdades mais profundas, realizar o culto mais fiel, levar uma vida de santificação perfeita, dar um testemunho eficaz. O batismo do Espírito Santo estabelece uma ligação direta entre o crente e Deus. Em situações difíceis, ao dar testemunho, ele pode “dar uma telefonada para Deus”, pedir o seu auxílio. E Deus agirá, falará através dele, e se as palavras não bastarem, em línguas.

O batismo do Espírito Santo é o critério fundamental de status na comunidade pentecostal. Afirma um crente de São Paulo: “O batismo do Espírito Santo significa que a pessoa está se elevando.” Quem for escolhido como instrumento do Espírito e puder comprová-lo com atos de poder (= falar em línguas, interpretar, curar) poderá subir na hierarquia pentecostal. Assim, o pentecostalismo proporciona àqueles que estão marginalizados dos meios instituídos oficialmente para a consecução de status (formação, riqueza, força e poder político) um caminho próprio para subir. Os que veem negados o seu status pela sociedade, conseguem-no compensatoriamente através do Espírito Santo na comunidade pentecostal. E este status de “instrumento do

Espírito Santo” tem um valor infinitamente maior do que tudo que o mundo pode dar neste sentido.

Mas o Espírito Santo não só dá a consciência de ser alguém, ele também ajuda a afirmar este fato em público. O crente, imbuído do Espírito Santo, perderá as inibições, inseguranças, o seu medo perante o mundo hostil. E o falar em línguas, a dança no Espírito, não poderão ser entendidos como a linguagem de um povo sem fala? Os que se submeteram a estas experiências do Espírito saem purificados e regenerados, melhor habilitados a agüentar este mundo de conflitos. Testes psicológicos revelaram que pessoas que falam em línguas mostram menor agressividade em situações adversas, tem menor tendência de querer corrigir, mudar os fatos e exibem maior resistência à frustração (9). O Espírito Santo como agente de adaptação e de autoafirmação – quem poderia duvidar da sua utilidade social?

5. A vida humana – uma sala de espera

Quem é povo nos nossos países latinoamericanos sabe esperar. Esperar condução, esperar salário e aumento, esperar atendimento no INPS, as esperas são infinitas. Não é de estranhar, portanto, que o conceito pentecostal da vida humana seja marcado por este “esperar”. Como o desfecho da história humana já está predeterminado escatologicamente, e visto que a verdadeira vida é transcendental, o sentido da vida nesta terra não pode ser mais do que “esperar, agüentar no estado de santificação”, até à entrada na glória futura. As estruturas deste mundo só mudam com o juízo final, não adianta, pois, combatê-las. O pentecostal olha para cima, esperando as felicidades vindouras; aqui, neste mundo, ele se submete, pois “em todos os tempos a submissão trouxe àqueles que a praticaram inúmeras bênçãos, e ela continua uma bênção verdadeira para aqueles que a praticam atualmente” (10). Os únicos meios para influenciar o mundo são a oração e a evangelização.

Essa atitude perante a vida terrena, porém, não tem por consequência uma expressão de vida triste e abatida. Pois a vida dos crentes já é atingida agora e aqui da glória futura. Na igreja pentecostal sempre há disposição para riso e alegria, para festa e comemoração. Deus quer ver os seus filhos alegres.

Desta concepção da vida se deriva a ética mundana do pentecostal. Frente aos acontecimentos ele assume uma atitude de reserva, de espera. Submete-se às estruturas, aos poderes deste mundo, não sem procurar também a sua vantagem. Diz um pentecostal:

“Quando um crente começa a trabalhar, começa quieto, vai trabalhando, trabalhando, sempre procurando fazer o serviço melhor, até que o patrão gosta e melhora a situação dele. É uma recompensa de ser bom crente” (11).

Não há dúvida que o patrão vai gostar.

Seria fácil julgar esta concepção da vida humana como oportunista, adaptativa, passiva. Mas parece-me mais acertado vê-la como expressão da situação real do nosso povo. Não é isto que acontece: uma impotência perante as estruturas econômicas e sociais, um total abafamento de todas as tentativas de participação? Este mundo, do qual participam só marginalmente, não é deles — porque então lutar nele? O povo aceitou, na marra, a situação em que vive; talvez não a compreenda, mas expressa-a em crenças e atitudes religiosas.

ANOTAÇÕES

- (1) Confissão de fé da Iglesia Pentecostal de Chile, art. 4, em: W. J. Hollenweger, *Handbuch der Pfingstbewegung*, 2. Hauptteil, 02b: Lateinamerika, pág. 985.
- (2) *Ibid.*, art. 6.
- (3) Artigos de fé da Congregação Cristã do Brasil, § 6, em: Hollenweger, o.c., pág. 922.
- (4) Confissão de fé da Iglesia Pentecostal de Chile, art. 7.
- (5) Confissão de fé das Assembléias de Deus, art. 12 e 14, em: Hollenweger, o.c., pág. 900.
- (6) Esdras B. Costa, **Religião e desenvolvimento no Nordeste do Brasil (igrejas protestantes)** (Bruxelles, 1968), pág. 18.
- (7) P. L. Berger e Th. Luckmann, **Die gesellschaftliche Konstruktion der Wirklichkeit** (Frankfurt/M., 1970), págs..163 ss.
- (8) Confissão de fé das Assembléias de Deus, art. 7.
- (9) L. M. Vivier-van Eetvelt, "Zungenreden und Zungenredner, em: W. J. Hollenweger (ed.), *Die Pfingstkirchen* (Stuttgart, 1971), pág. 193.
- (10) **Mensageiro da Paz**, 30 de abril de 1970.
- (11) Beatriz Muniz de Souza, **A experiência da salvação** (São Paulo, 1969), pág. 165.